



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/artesaniando-possibilidades/>

Artesaniando possibilidades de acolhimento de Norte a Sul: entre experiências pandêmicas na saúde e na educação

Paula Cadore [1]

Daniele Noal Gai [2]

Aline Milena Castro Matos [3]

Sônia Maria Lemos [4]

RESUMO: Esta escrita parte do desejo das pesquisadoras em revisitar memórias e descrever a experiência de criação de possíveis (DELEUZE, 1992), em meio à pandemia do coronavírus. Criar (e inventar) possíveis: no sentido de cuidado e ensino, a partir da tessitura de redes afetuosas, artísticas, criativas e acolhedoras, no âmbito do Projeto de Pesquisa e Extensão *Entre Artesanias*. Construimos e sustentamos uma ou várias redes para conectar professores, estudantes, profissionais da saúde, usuários do Sistema Único de Saúde (SUS), artistas e profissionais da educação, durante a pandemia da Covid-19, desde a região norte à região sul do Brasil. Conectar no sentido de acolher. Conectar para olhar, sentir e partilhar. Conectar para compartilhar algumas *entre experiências* durante o isolamento social. Conectar para inventar possibilidades de trocas e convivências. Conectar para reduzir danos. A pandemia e o coronavírus seguem desafiando cientistas e profissionais da saúde – desafiando também este projeto e coletivo, pois foi (e é) preciso seguir o trabalho em saúde e defender o Sistema Único de Saúde. Podemos narrar muitos encontros, experiências, acolhimentos e histórias, e, ainda assim, a sensação de não ter resultados seguirá em nossos corpos. A gestão da saúde nacional ignora as experiências de mais de 30 anos do SUS e dos profissionais que nele atuam.

PALAVRAS-CHAVE: *Entre experiências*. Artesanias da diferença. Pandemia.

Crafting reception possibilities from North to South: between pandemic experiences in health and education

ABSTRACT: This writing starts from the researchers' desire to revisit memories and describe the experience of creating possible ones (DELEUZE, 1992), in the midst of the Coronavirus pandemic. Create (and invent) "possibles": in the sense of care and teaching, from the weaving of affectionate, artistic networks, creative and welcoming, within the scope of the *Entre Artesanias* ("between crafting") Research and Extension Project. We built and supported one or more networks to connect teachers, students, health professionals, users of the Unified Health System (SUS), artists and education professionals, during the Covid-19 pandemic, from the north to the south of Brazil. Connect in order to welcome. Connect to look, to feel and share. Connect to share some *between experiences* during social isolation. Connect to invent possibilities for exchanges



and coexistence. Connect to reduce damage. The pandemic and the Coronavirus continue to challenge scientists and health professionals, and in the case of this Project and this collective, mainly because it was (and is) necessary to follow the work in health and defend SUS. We can narrate many encounters, experiences, hospitality and stories, and yet, the feeling of having no results will follow in our bodies. National health management ignores the experiences of more than 30 years of SUS and the professionals who work in it.

KEYWORDS: Between experiences. Crafts of difference. Pandemic.

Entre experiências que nos movem: uma escrita de possíveis

Esta escrita parte do desejo das pesquisadoras de revisitar memórias e descrever a experiência de criação (e invenção) de possíveis (Deleuze, 1992) no ano pandêmico de 2020. Criar possíveis no sentido de cuidado e ensino, a partir da tessitura de redes afetuosas, artísticas, criativas e acolhedoras. Uma ou várias redes para conectar professores, estudantes, profissionais da saúde, usuários do Sistema Único de Saúde (SUS), artistas e profissionais da educação, durante a pandemia da Covid-19. Conectar no sentido de acolher. Conectar para olhar, para sentir e partilhar. Conectar para compartilhar nossas experiências de vida, ou as *entre experiências*, durante o isolamento social. Criar, conectar e produzir redes que sustentassem a educação e a saúde públicas como possíveis para a população brasileira; seja no sul, no leste, no nordeste ou no norte do Brasil.

Nos referimos à experiência com o pensamento de Larrosa (2015), entendendo que esta palavra trouxe também um conceito importante, que serve para entendermos o nosso tempo e o que nos acontece. O contemporâneo de nossas experiências nos situava em um lugar, e elas estavam relacionadas às intempéries e aos acontecimentos da vida. A partir de nossas experiências conseguimos falar sobre quem não somos, o que não queremos ser e também podemos afirmar nossa vontade de viver - e nisto investirmos nossos esforços. Por que experiência é o que nos acontece, junto das múltiplas tentativas de elaborar sentidos, ou elaborar a falta deles. Compartilhar experiências que estavam entre nós durante a pandemia, mas não somente nela, e,



sim, *entre experiências*. Criar um *entre* de pesquisadores, artistas, estudantes, profissionais da saúde e educação, usuários do SUS, que tentavam seguir *à procura* (Paim, 2018).

À procura (Paim, 2018) de *entres* e brechas possíveis: em nossa micropolítica (Rolnik, 2018), com uma ética do cuidado, uma ética do agir (Merghy, 2020), afirmamos um SUS e uma educação que se cruzam e se apoiam, indistintamente. Nós procurávamos perceber além do medo, da angústia, da ansiedade e do desespero, que faziam companhia para grande parte das pessoas que viviam a pandemia. Assim, nos colocamos como procuradoras, para perceber e agir, em um espaço de trocas (e entre trocas).

Procurávamos, também, perceber as pessoas, em meio ao negacionismo e ao desprezo dos riscos da Covid-19. O negacionismo frente à pandemia produziu ainda mais desigualdade, exclusão e mortes. E, quantas exclusões, silenciamentos e apagamentos se efetivavam! Essas são as estratégias necropolíticas, que não apenas coisificavam as pessoas, pois, como testemunhamos, vinham matando inúmeras pessoas.

Nossas perguntas eram sobre como construir desvios para produzir cuidado, trocas, encontros, solidariedade? Como abrir frestas contra hegemônicas e produtoras de encontros? Como nos aproximar e acolher, umas das outras, uns dos outros, mesmo que distantes fisicamente? Como plantar sementes de vida em um solo tão degradado e adoecido? Como construir um cuidado em saúde e um apoio pedagógico específico para aqueles que são educadores ou aqueles que são cuidadores? Como produzir possíveis e reparações à saúde mental de um coletivo dedicado e afetuoso? Nos propusemos: estar *à procura* (Paim, 2018), para rememorar histórias que dialogam com a ativação de experiências sensíveis e a produção de desvios, na tentativa de evitar a normatização e a normalização das exclusões da multiplicidade, da diferença.



Nossos questionamentos nos convocavam, mais do que em qualquer outro momento, a uma postura ética, estética e política. Uma postura e uma ética de acolher aqueles que, assim como nós, apresentavam-se dopados por uma realidade nefasta de consumo, entretenimento e desconexão (Krenak, 2020). Acolher em meio ao caos pandêmico, buscando expressar um ato de inclusão social, ao *estar com*, na diversidade, na multiplicidade, na diferença; no caos individual e no caos social que se entrecruzam. Seguimos *artesaniando* um acolhimento que sustentasse a promoção da vida, a humanização e a ética do cuidado (Brasil, 2006; Franco; Bueno; Merhy, 1999).

Tomadas pelos movimentos da pandemia, cada vez mais acelerados com a disseminação do vírus, sentíamos a necessidade de instaurar um espaço que transitava entre arte e cuidado. Dilatando tempo e espaço e resistindo às definições apressadas sobre o que fazíamos a cada momento (Angeli; Gravina, 2019), enquanto o vírus rapidamente se propagava.

Nos permitimos sentir o movimento dos nossos encontros, dos nossos corpos, que pulsam e sentem para, então, nos debruçarmos na edição e adequação do Projeto de Ensino, Pesquisa e Extensão, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, nomeado *Entre artesanias da diferença: modos de existir, narrar e aprender com a deficiência e a loucura*. Foi preciso olhar para outros agenciamentos, outras propostas, outras costuras, outras cores, outros artistas, outras imagens, outros jeitos, outros corpos, outros tempos para atualizar o referido projeto.

Juntas ousamos nos apropriar dos diversos cabos de computador, da câmera, dos fones e tantas outras ferramentas tecnológicas, para iniciar a trama da nossa rede de invenções acolhedoras. Foi necessário encontrar um horário comum para quem estava no Sul e quem estava no Norte do país, depois criar um link e abrir a porta de uma sala virtual. Nos abancamos com água, café e chimarrão, munidas de lápis e papéis, para *artesaniar* nossa proposta cartográfica:

Desemaranhar as linhas de um dispositivo é, em cada caso, traçar um mapa, cartografar, percorrer terras desconhecidas, é o que Foucault chama de 'trabalho de terreno'. É preciso instalarmo-nos sobre as próprias linhas,



que não se contentam apenas em compor um dispositivo, mas atravessam-no, arrastam-no, de norte a sul, de leste a oeste ou em diagonal (Deleuze, 2005, p.1).

A seguir, narramos a proposta repensada, reconstruída e os encontros realizados, conversando conceitualmente com pesquisadores da filosofia da diferença, das artesanias, das experiências... Dialogando com pessoas que nos identificamos em uma perspectiva existencial e em seus modos de vida (Krenak, 2020) é que a rede se tece, se sustenta. Era um momento de pandemia e o caos nos confrontava a inventar possíveis para suportar e seguir.

De Norte a Sul: encontro entre pesquisadoras

Iniciamos os encontros entre pesquisadoras em julho de 2020. De Norte a Sul, conversávamos sobre as incertezas, os anseios e as dificuldades em promover cuidado, no ensino e na saúde, em um período em que cuidar era sinônimo de não tocar, de evitar circulação, de não aglomerar, de não abraçar, de não encontrar, de se isolar.

Necessitávamos de acolhida e ouvíamos os gritos, por vezes silenciosos, de estudantes, professores, profissionais da saúde, exaustos na busca por se adaptar ao inadaptável (Rauter, 2005). Rapidamente passamos do presencial ao virtual ou do presencial à inexistência de encontros. Mesmo com a pandemia, não paramos. Passamos a trabalhar sob uma pressão diferente, sem o movimento reflexivo de observação, de readaptação, avaliação das nossas tarefas, de autoavaliação e de autocuidado.

Como estavam os professores? Eles estavam promovendo aulas para crianças com necessidades singulares? Como ensinar para aqueles que sequer tinham acesso a um computador, a uma conexão ou qualquer tecnologia? Como se encontravam as crianças que dependiam da escola para



se alimentar? Como estavam as famílias com todos os filhos em casa, tendo que auxiliar todos em um processo de ensino remoto? Os estudantes em estágio - como executariam seus planos de ação? Os estudantes universitários seguiam seus percursos acadêmicos? O acesso à educação era para poucos? Quais os referenciais que cabiam para o momento? E os profissionais da saúde, como acolhiam a dor e o sofrimento, sem poder tocar? Como reorganizaram o cuidado? Como estavam os usuários da saúde mental trancados em suas casas? Sem poder transitar por espaços que conquistaram depois de muita luta? Como reconhecer os diferentes problemas e resolvê-los? Como atender à necessidade dos diferentes atores e seus conflitos?

As perdas já aconteceram. Perdemos muito como cidadãos, como humanos, como pessoas, como trabalhadores, e ainda mais as crianças. As perdas com impacto na saúde mental, e que atingiram a aprendizagem. Reiteramos, a perda já aconteceu, como minimizar e aprender com uma pedagogia da artesanaria do presente, do agir, do cuidar, da emergência?

Através de tantos questionamentos, recordamos o trecho de um poema de Rupi Kaur (2020):

[...] “Nossa alma busca comunidade
Nosso eu mais profundo busca um ao outro
Precisamos viver em contato
Para nos sentirmos vivos”

Fomos juntas em busca de nossa comunidade, convidando-a para produzir materiais e materialidades que nos aproximassem e nos cuidassem. Embora distantes, aproveitamos os encontros através das plataformas virtuais. Encontros com um objetivo comum, com a premissa de estarmos presentes no aqui e no agora, associados à espontaneidade de compor juntas e juntos os movimentos de afetações da vida (Moreno, 2016).



Estruturamos nossas ações buscando primeiramente a aproximação com nossas redes. Retomamos vínculos que em outros momentos talvez fossem esquecidos ou impossibilitados de se aproximar devido às grandes distâncias. Em seguida, realizamos um convite pessoal e intransferível, para dentro das nossas redes de contato e serviços. Um convite que respeitasse as possibilidades de cada uma ou cada um dos usuários da saúde mental, oficinairos, artistas, educadores, profissionais da saúde e estudantes, conduzidos pela biodiversidade e pelas multiplicidades que nos compõem, do Pampa à Floresta. Era um convite para se fazer presente em algumas tardes de quartas-feiras para *artesanar narrativas* da pandemia, e outras tantas narrativas. Entendendo que ninguém fala exclusivamente por si.

Um autor é sempre um agente coletivo de enunciação. Todas as referências que me constituem são um conjunto polifônico, sem a coerência de uma identidade ou a lógica de uma dialética, mas que pode adquirir a consistência do paradoxo: sem ponto de partida, nem chegada – uma espécie de eternidade que se desdobra ao mesmo tempo indefinidamente no passado e no futuro. O que não significa que os ditos sejam eternas repetições porque são marcados por transformações no tempo (e por isso são finitos), e por variação no espaço dos múltiplos agenciamentos coletivos de enunciação (e por isso são ilimitados) (Lobo, 2007, p. 164-165).

Entre artesanias de Norte à Sul: encontros de arte, acolhimento e saúde



Imagens 1, 2 e 3: captura de imagens das gravações.

Arquivo do Projeto Entre Artesanias.

Entre 14 de outubro a quatro de novembro de 2020, às catorze horas no Sul e às quinze horas no Norte, as nossas quartas-feiras foram reservadas para *artesanias*. A campanha de uma vídeo-sala foi tocada por diversos atores e atrizes do cotidiano: artistas, educadores, estudantes de educação especial, pedagogia, psicologia, medicina, odontologia; oficinairos, psicólogos, psiquiatras, terapeutas ocupacionais. A porta era aberta pelas pesquisadoras e as pessoas eram recebidas por rostos diversos, por experiências diversas, por sotaques diferentes, por textos e temáticas diferentes. Uns eram conhecidos dos outros ou não; estávamos juntas e juntos narrando e testemunhando o contemporâneo de nossos dias.

Nosso primeiro encontro foi de “Escuta sobre as possibilidades e os impactos da arte em diálogo com a Saúde no enfrentamento à pandemia de COVID-19”. Escuta para nos apresentar, para ver, olhar, ouvir, falar, para sentir e fazer presença. Um convite para compartilhar nossas experiências sobre o entrelaçamento das artes com a produção de saúde e de educação.



Foi um encontro com *gentes*! Criativas, potentes, generosas e afetivas. Em que cada um teve a possibilidade de narrar o vivido em meio à pandemia. Nos conhecemos pelas redes individuais e, desafiando o espaço geográfico, duplicamos o tempo, para tecer outras redes narrativas, buscando a potência dos respiros possíveis, em meio a tanto, movidos por alguma vontade, por alguma esperança e pelas paixões, uma vez que são elas que nos compõem e nos expandem em nossos modos de existir (Spinoza, 2011).

Movidos por diversas dobraduras de sonhos, demos início a uma rede existencial de curiosos atores políticos que, entre prosas, artesanaram o plantio de sementes-palavras que foram lançadas em nosso primeiro encontro. Depois, as sementes-palavras foram lançadas na terra para regar sonhos, que seria o tema do nosso encontro seguinte.

O segundo encontro “Arte e saúde: o que foi produzido? O que você teceu? O que podemos tecer juntas, juntos, juntes?”, foi costurado em diferentes tempos e diversos pontos. Cada pessoa chegou no tempo que lhe foi possível, rostos novos foram convidados para artesaniar a rede de sonhos. Com tesouras, papéis, lápis coloridos, tinta, linhas, bastidores e agulhas iniciamos as manualidades para construções de sonhos possíveis e utópicos, afinal como dizia nosso amigo Eduardo Galeano a utopia serve para que não paremos de caminhar, para nos movermos, para dar passos em direção ao horizonte. Uma participante do segundo encontro definiu os sonhos como convocatória de desejos. Outra, que eles são necessários para criar. E o que seria da educação e da saúde mental, se não a criação de outros mundos possíveis? Os sonhos são a descoberta e construção de caminhos desviantes do sofrimento. Caminhos em que encontramos aconchego, para dar vazão ao sofrimento, buscar encantos na fantasia, para criar outras caminhadas e outras estradas.



Ailton Krenak (2020) conta que os sonhos são instituições que nos preparam para a relação com o cotidiano, são uma prática do nosso estado mais íntimo de ser, um lugar que veicula afetos. Conta também sobre a afetação dos sonhos e deles em nosso mundo sensível, de como o ato de contar os sonhos é conectá-los com o amanhecer, transformar em matéria inatingível.

Em nosso encontro do *Entre Artesanias*, os sonhos se fizeram memórias daquilo que foi vivido quando o toque era possível, quando os abraços eram casa, quando o entrelaçar das mãos alinhava bordas para transbordar juntos. Nossos sonhos foram feitos de memórias afetivas e de utopias. E provocadas por um participante-artista, nos perdemos para nos encontrar: o que fizemos de nossos momentos, o que fazemos no tempo que temos para nós e exclusivamente conosco? Percebemos nossos sonhos extrapolando as palavras, os sonhos foram para além de nós, se presentificaram em bonecas miniaturas, em bordados, em pinturas, em recortes e colagens, em poesias. Construimos um encontro de sonhos-mosaico, juntando nossos desejos-vontades, nossas memórias, nossas manualidades, nossos afetos para encontrar um sonho nosso: práticas e existências que acolhem as diferenças e produzem inclusões. Os sonhos individuais materializavam uma consciência coletiva (Krenak, 2020). Embebedados de sonhos-memória, combinamos nossa próxima quarta-feira com o convite de *artesaniar um relicário*.

A porta da sala virtual seguiu sendo aberta para *gentes* novas, no terceiro encontro, nomeado “Artesanias do trabalho e renda como aportes para a promoção de saúde”. Tecemos a partir das características e dos afazeres de cada um e cada uma, ativando as memórias dos outros encontros. Quem estava chegando, as gentes novas, precisavam de mais esforços para alinhar os fios. Mas, como uma rede que estávamos construindo, uns e outros foram se auxiliando. Os relicários foram confeccionados com caixas de sabonete, de fósforo, caixas de sapato e de madeira. Caixas diversas, algumas que eram intocáveis, e se tornaram palpáveis. Outras, caixas simplórias de parafernalias rotineiras, se transformaram em tesouros. Caixas vazias que foram preenchidas por palavras, por cacarecos, por cores e recortes. Caixas cheias que foram se esvaziando, enquanto histórias únicas eram contadas, lembradas, editadas.



Relicários são caixas, cofres, bolsas que guardam coisas. Coisas não no sentido objetificado, mas sim, coisas valiosas, que independem do valor material. *Artesaniar sonhos* a partir de memórias para nos apresentar ao mundo o que de invenção e de dura realidade guardamos. Esse foi um momento para operar criações, como produção de ser (Costa, 2012). Ser um coletivo em busca de sonhos-oxigênio, sonhos e ar.

Foi um encontro de aconchegos para os tantos abraços guardados no isolamento. Foi uma possibilidade de reviver momentos, pelo atravessamento de relicários, para construir outras narrativas, que iam se inventando ali, no presente, no ato de narrar (Angeli; Gravina, 2019). Um acalanto, um sonhar possíveis para o futuro, mas, também, fazer esperar e impulsionar esperanças naquele presente de tantas perdas. Embalados pela música quiçá da Banda Mais Bonita da Cidade, sentimos o terceiro encontro como um momento para abrir o riso, apesar das dores do mundo. Findamos ouvindo o poeta Manoel de Barros, com o desafio de criar as palavras com uma carta endereçada ao *Entre Artesanias*, uma tarefa para a próxima semana.

No nosso último encontro, entre idas e vindas, e permanências, reuniram-se muitas *gentes* da nossa comunidade. Era um encontro para definirmos “Possibilidades para o *Entre Artesanias*, manifesto e construções de redes”. Iniciamos com o samba da utopia, que rima com rebeldia, alegria e arte, jamais com tirania. Nossos encontros foram uma forma de ir às ruas e esperar sonhos, além de sambar.

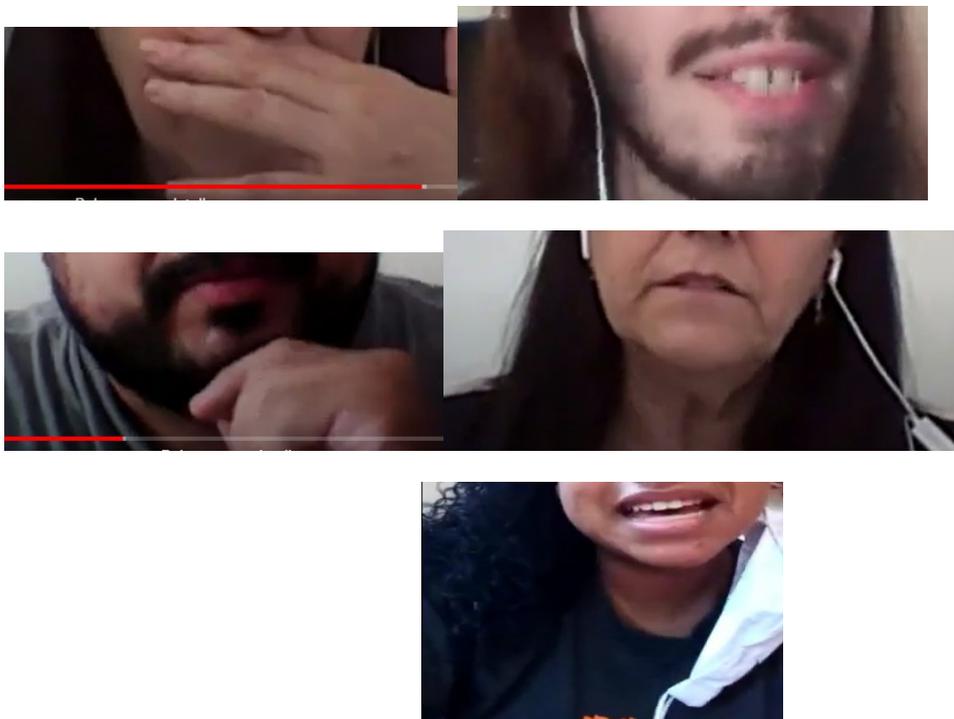
As cartas para o *Entre Artesanias* falavam de notícias do país e da pandemia, outras reiteravam a importância das paradas, que partilhavam a urgência de desburocratizar e construir espaços de relações humanas dos Pampas à Floresta. Escritos sobre a importância dos sonhos e das memórias, como lembretes do quanto precisamos nos cuidar, construir relações de vida saudáveis. Artesanias sobre o contato e a conexão, a busca pela nossa comunidade, por alegrias.



Jogando palavras entre nós, cartas sobre reflexões, cartas sobre as questões da vida, dos desejos de mundos.

Findamos nossos quatro encontros, provocadas a seguir jogando sementes de poesia no cotidiano dos dias. Sementes-sensação de que é possível planejar aulas, atendimentos, espaços na educação e na saúde, pautados na arte do encontro e do acolhimento, em que seja possível celebrar a vida e evocar memórias que nos acompanham (Krenak, 2020).

Carta à comunidade: considerações para seguir



Imagens 1, 2, 3, 4 e 5: captura de imagens das gravações.

Arquivo do Projeto Entre Artesanias.

O contexto da pandemia exigiu que as pessoas adentrassem, feito furacões, na tecnologia das informações, mesmo que sem ou com poucas condições para tal. Preocupar-se com espaços de acolhimento nesse meio foi um grande desafio para o nosso grupo. Desafio esse que se



intensificou, e ampliou o sentido de acolher, devido ao momento em que o mundo inteiro é tomado por um vírus, em que se escancara a ideia da necropolítica brasileira, de que existem vidas descartáveis e matáveis (Dunker, 2020).

Os encontros foram uma invenção estratégica de ações que operaram no fortalecimento da biopotência (Angeli; Gravina, 2019), em que as relações de poder se difundiram em poder constituinte (Pelbart, 2003) de afetos, de lentificação, de formas diversas de estar, de celebração da vida, de experimentações artesanais, de formação de outras existências possíveis.

Nossa comunidade construiu uma forma artesanal de comunicação, a narrativa (BENJAMIN, 1994). Nossa comunidade assumiu uma forma para “ir sendo”, se *artesaniando* pela narrativa e pela presença de outras e de outros. A comunidade assumiu o compromisso coletivo de construir juntos os encontros, a partir da relação que íamos criando pouco a pouco, semana a semana (Keleman, 1994).

O *entre* que criamos em meio ao isolamento, se mostrou uma brecha de esperança. Em que é possível aos educadores construírem espaços validando os desejos e as necessidades dos alunos. É possível aos profissionais da saúde criarem uma clínica a partir da *artesanaria dos afetos* e de relações com a multiplicidade, com a diferença diferindo. Em que é possível aos usuários do SUS que sigam sendo protagonistas de suas vidas (e do SUS), mesmo quando adoecidos. Em que é possível que estudantes sejam atores políticos de suas formações. No entanto, para que tudo isso seja possível, é necessário que sigamos jogando na terra, as nossas sementes micro-revolucionárias.

A pandemia e o coronavírus seguem desafiando cientistas e profissionais da saúde – desafiando também este projeto e coletivo, pois foi (e é) preciso seguir o trabalho em saúde e defender o SUS. Podemos narrar muitos encontros, experiências, acolhimentos e histórias, e, ainda assim, a



sensação de não ter resultados seguirá em nossos corpos. A gestão da saúde nacional ignora as experiências de mais de 30 anos do SUS e dos profissionais que nele atuam.

Bibliografia

ANGELI, A. A. C.; GRAVINA, H. C. . Corpo-em-ato: experimentações performáticas de si e do mundo. In: Carla Regina Silva. (org.). **Atividades humanas & terapia ocupacional: saber-fazer, cultura, política e outras resistências**. 1ed. São Paulo: Hucitec, 2019, v. 0, p. 191-217.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. (obras escolhidas, vol. 1). São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização**. Acolhimento nas práticas de produção de saúde – 2. ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 44 p. (Série B. Textos Básicos de Saúde).

COSTA, L. A. Operar. In: **Pesquisar na diferença: um abecedário** / org. Tania Mara Galli Fonseca, Maria Lúvia do Nascimento, Cleci Maraschin. Porto Alegre: Sulina, 2012. 263 p.

DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, G. O que é dispositivo. Disponível em: https://www.uc.pt/iii/ceis20/conceitos_dispositivos/programa/deleuze_dispositivo. Acesso em fevereiro de 2021.

DUNKER, C. Pandemia expõem uma “necropolítica à brasileira” e uma certa elite que não vê além do umbigo. *El País*. São Paulo, 2020.

FRANCO, T. B.; BUENO, W. S.; MERHY, E. E.. **O acolhimento e os processos de trabalho em saúde: o caso de Betim, Minas Gerais, Brasil**. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro , v. 15, n. 2, p. 345-353, Abr. 1999 .

KAUR, R. **Meu corpo minha casa**. Tradução de Ana Guadalupe. São Paulo: Planeta, 2020.

KELEMAN, S. **Realidade somática**. São Paulo: Summus, 1994.

KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LOBO, L. F. Devir deficiência: pragmática e subjetivação, para uma ética do acontecimento. In: **Pensar de outra maneira: a partir de Cláudio Ulpiano**. Rio de Janeiro: Pazulin, 2007.

MORENO, J. L. **Psicodrama**. São Paulo, SP: Cultrix, 2016.

PAIM, C. Propostas artísticas para pensar sobre exclusão e esquecimento. In: Galli, Tânia Mara Fonseca. **Imagens do fora: um arquivo da loucura**. Porto Alegre: Sulinas, 2018.



PELBART, P.P. **Vida capital:** ensaios da biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2003.

RAUTER, C. **Invasão do cotidiano:** algumas direções para pensar uma clínica das subjetividades contemporâneas. In: JUNIOR, Alterives M. et al. (Orgs.). **Polifonias:** clínica, política e criação. Rio de Janeiro: EdUFF, 2005, p. 63-72.

SPINOZA, B. **Ética.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

Recebido em: 20/03/2021

Aceito em: 15/04/2021



[1] Terapeuta ocupacional. Especialista em Saúde Mental Coletiva. Trabalhadora do Sistema Único de Saúde, no Município de Porto Alegre. Pesquisadora do Projeto de Ensino, Pesquisa e Extensão *Entre Artesanias da Diferença* (FACED/UFRGS). E-mail: paulacadoreto@gmail.com

[2] Educadora Especial. Doutora em Educação. Docente do Departamento de Estudos Especializados (FACED/UFRGS). Pesquisadora do Projeto de Ensino, Pesquisa e Extensão *Entre Artesanias da Diferença* (FACED/UFRGS). E-mail: daninoal@gmail.com

[3] Estudante do Curso de Licenciatura em Pedagogia (FACED/UFRGS). Estagiária em Centro de Atenção Psicossocial Adulto. Pesquisadora do Projeto de Ensino, Pesquisa e Extensão *Entre Artesanias da Diferença* (FACED/UFRGS). E-mail: alinemcmattos@gmail.com

[4] Psicóloga. Docente da Universidade Estadual do Amazonas. Pesquisadora do Projeto de Ensino, Pesquisa e Extensão *Entre Artesanias da Diferença* (FACED/UFRGS). E-mail: slemos@uea.edu.br